



C.P.

BOLETIM

N.º 91

JANEIRO DE 1937

9.º ANO

Problemas recreativos

CORRESPONDÊNCIA

O 1.º prémio da lotaria de 28 de Novembro último coube ao n.º 510 que, pelo Boletim da C. P. n.º 89 tinha sido atribuído ao colaborador Marquês de Carinhas.

Parabéns ao ilustre charadista.

No trimestre Janeiro-Março a obra a disputar será o *Dicionário prático ilustrado de Jaime de Séguier*.

Conforme as condições publicadas no n.º 79 do Boletim da C. P., o prémio que no corrente ano será oferecido ao decifrador que apresentar maior número de decifrações é a obra de Júlio Dinit, *As pupilas do Sr. Reitor*, grande edição de luxo, com aguarelas de Roque Gameiro.

QUADRO DE DISTINÇÃO

Theseu, 22 votos — Produção n.º 20

QUADRO DE HONRA

Lubina, *Alenitnes*, *Britabrantes*, *Cagliostro* e *Mefistófeles*

QUADRO DE MÉRITO

Novata, *Costasilva*, *Cruz Kanhoto*, *Roldão*, *Fred-Rico*, e *Otrebla* (25); *Visconde de Cambolh*, *Visconde de la Morlière*, *Marquês de Carinhas*, *Manelik*, *Preste João* e *Diabo Vermelho* (23); *Theseu* e *Sardanápalo* (22); *Bastos*, *Dalton*, *Alcion*, *Fé*, *Augusto*, *Tupin*, *Semáforo*, *Sota*, *Gili*, *Jece*, *Nazi*, *Pequenote*, *Timpanas*, *Lumar*, *Gabi*, *D. Juan*, *Valete*, *Mago* e *Teiró* (20).

Soluções do n.º 89

- 1 — Roja-rojão, 2 — Pinga-pingão, 3 — Poupa-poupão,
 4 — Fácula-fala, 5 — Matilha-malha, 6 — Reprimir-remir,
 7 — Devolver-dever, 8 — Sobrepeliz, 9 — Rebimba, ericas,
 bicho, ichó, mao, bs, a, 10 — Branco é, galinha o põe,
 11 — Faminto ou tacanho, 12 — Menisco, 13 — Peto,
 14 — Petisco, 15 — Gamboa, 16 — Amora-aroma, 17 —
 Iris-siri, 18 — Amor-Roma, 19 — Camal, 20 — Atropar,
 21 — Fedorento, 22 — Colomim, 23 — Dódó, 24 — Pa-
 trono, 25 — Abuso-abusa, 26 — Pagodeira-pagodeiro
 ou estúrdia-estúrdio.

Aumentativas

1 — Bati com o rosto na chapa de liga de cobre e zinco — 2. *Roldão*

2 — Numa extremidade do Pavilhão Português estavas sorvendo um caramelo de gelo — 2. *Mefistófeles*

3 — Nesta depressão de terreno passou um «bando» de aves desconhecidas — 2. *Cagliostro*

4 — O desaparecimento por morte sempre deixa desculpa — 2. *Fred-Rico*

Em frase

5 — Mas se isso é patranha, boa «mulher», porque não fala verdade, então às claras? — 2-2-2. *Mito*

6 — A mim não me importa passar junto desse montão — 1-1. *Vasconcelos*

7 — O juro de onze por cento ou grande quantidade, faz medrar o usurário — 3-2. *Visconde de Cambolh*

8 — Em verso

«Nota» bem, está latente — 1
 Escusas mais de cismar
 Que um fluido transparente — 1
 Não é para despresar.

Junto a ti constantemente
 Ela está e não o sentes
 Transmitir gratuitamente
 A outrem os bens presentes.

Theseu

9 — Em losango

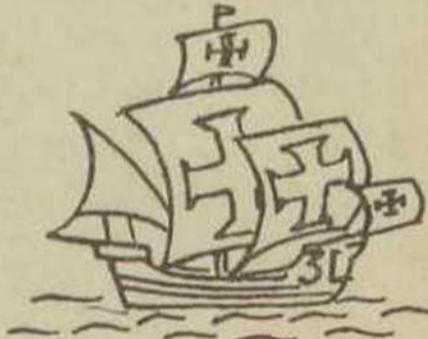
Letra	•
Medida	• • •
Tôlido de embarcação	• • • •
Para cá	• • •
Letra	•

Lubina

10 — Enigma figurado



Divindade



É



Filho de Bar



Sardanápalo

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL E PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

Editor: Comercialista *Carlos Simões de Albuquerque*

DIRECTOR:
O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro Alvaro de Lima Henriques

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

ADMINISTRAÇÃO
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

SUMÁRIO: Carreira Portimão-Barreiro. — Conferências de higiene social. — O Castelo de Almourol. — Consultas e Documentos. — Ateneu Ferroviário. — Quando os caminhos de ferro eram prejudiciais aos rumiantes. — Pessoal.

Carreira Portimão-Barreiro

QUEM, até há pouco, quizesse ir, por via ordinária, para a nossa encantadora província das amendoeiras e das figueiras, teria, forçosamente, de dar a volta por Ferreira e Almodôvar, longa viagem pelo coração do Alentejo. Por isso, a estrada seguindo pelo litoral e ligando Lisboa a Lagos, foi, durante muitos anos, o sonho acarinhado por muitas povoações algarvias, sobretudo pelas situadas a barlavento.

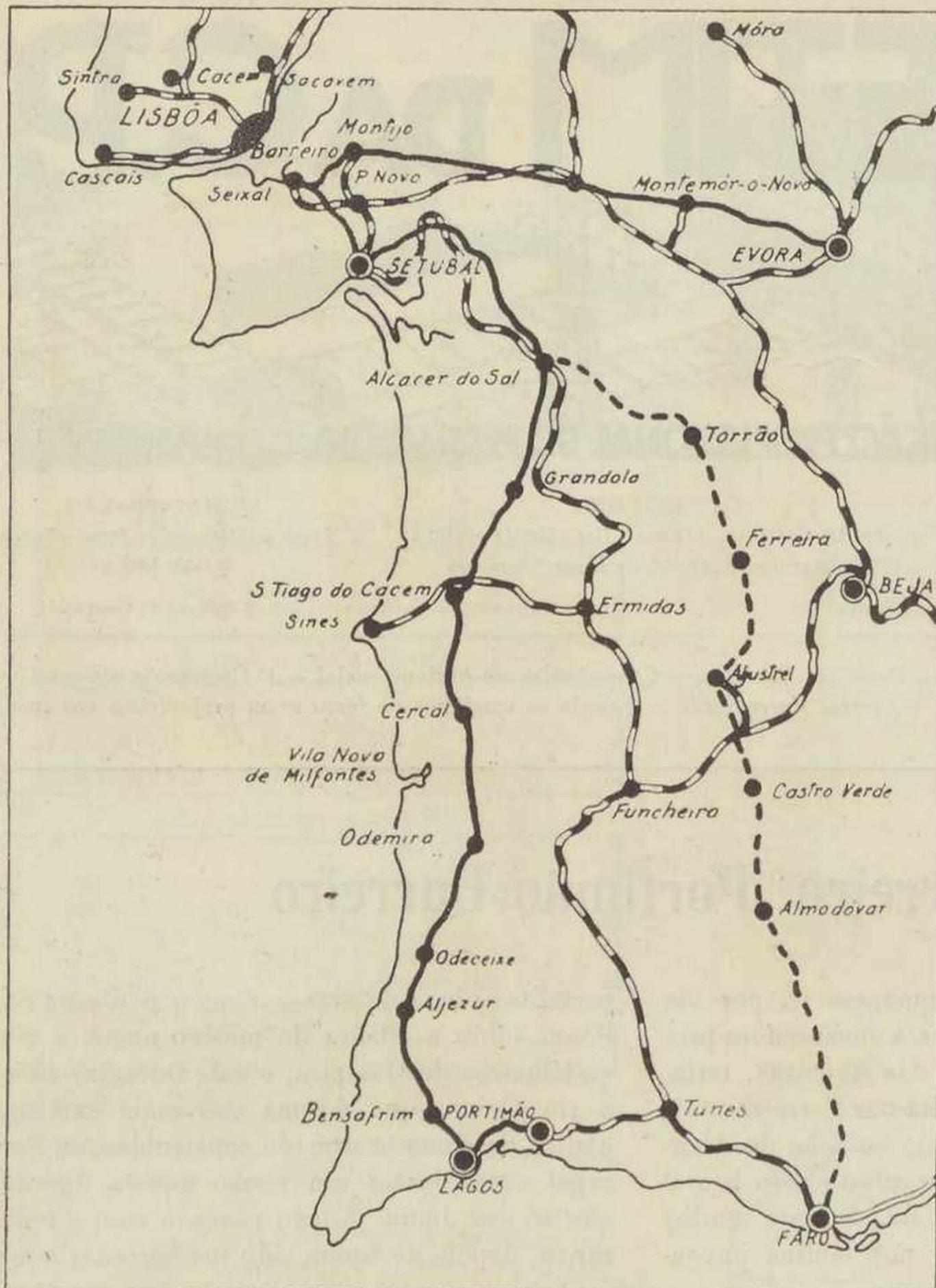
Há já alguns anos se estava construindo activamente um extenso trôço da dita estrada entre Odeceixe e Cercal. Im-

portantes obras de arte — como a ponte do Sol Pôsto sobre a ribeira do mesmo nome, a sete quilómetros de Odemira, e a de Odeceixe sobre o rio Ceixe, que é uma das mais extensas pontes de cimento armado construídas em Portugal — retardaram um pouco aquela ligação, que só em Junho do ano passado veio a realizar-se, depois de terem sido inauguradas aque-

las pontes. Além de encurtar sensivelmente o percurso, em mais de uma centena de quilómetros, é a nova estrada do litoral interessantíssima pela paisagem que dela se disfruta,



Uma das caminhetas da carreira Portimão-Barreiro



Mapa esquemático mostrando o percurso da nova carreira

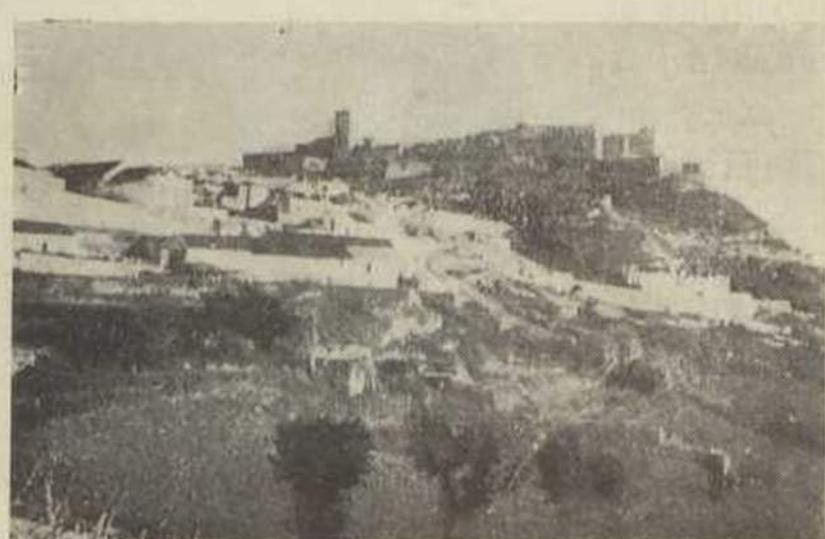
— Percurso das carreiras Évora-Barreiro e Portimão-Barreiro
- - - Trajecto por Ferreira e Almodóvar.

o que não é indiferente para quem ousa fazer tão longas jornadas pela via ordinária.

Ao abrigo das disposições legais vigentes e pelos mesmos motivos que a levaram a explorar a carreira de camionagem entre Évora e Montijo⁽¹⁾, hoje prolongada até Barreiro, a

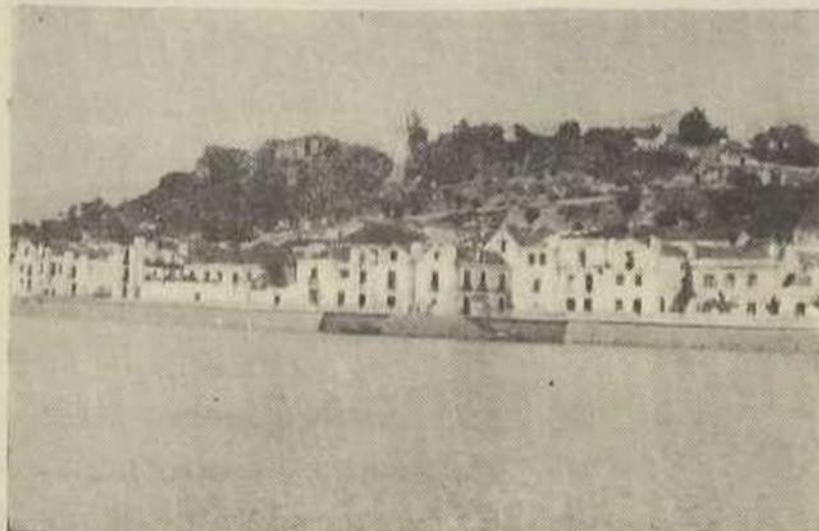
Companhia requereu a concessão de uma carreira entre Barreiro e Portimão, pela nova estrada. Segue ela assim o exemplo da maior parte das grandes empresas de caminhos de ferro mundiais que, mais ou menos directamente, estão explorando carreiras de camionagem, realizando por esta forma uma conjugação prática e inteligente dos dois meios de transporte. A propósito, citemos o exemplo interessante de já em Portugal, na nossa província ultramarina de Moçambique, serem as carreiras de camionagem organizadas directamente pela Direcção Geral dos Caminhos de Ferro.

* * *
Concedida a carreira, foi ela inaugurada no dia 28 de De-



(1) Ver Boletim da C. P. n.º 85 de Julho de 1936, pág. 153.

zembro passado, tendo as caminhetas atra-
sado muitas povoações ao som do estralejar de
foguetes, manifestação de regosijo dos povos
que, vivendo longe do caminho de ferro, veem
finalmente estabelecido um serviço público de



Alcácer do Sal



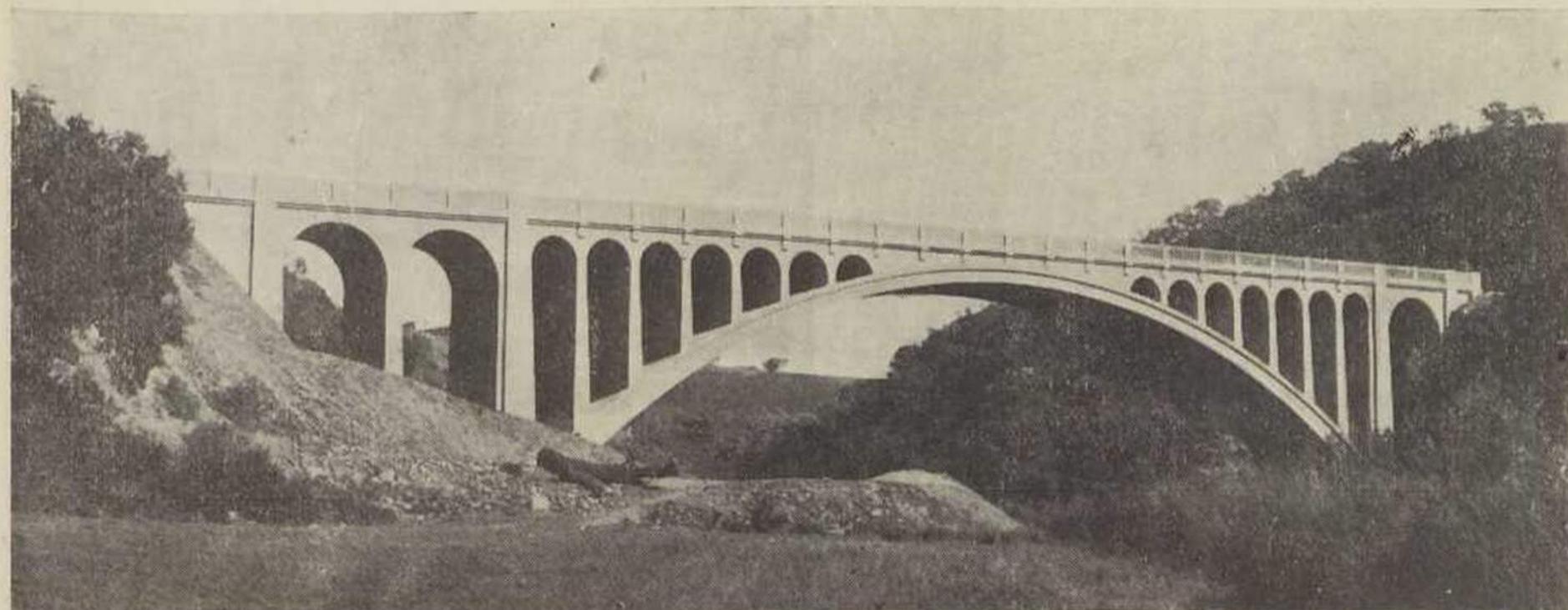
S. Tiago do Cacém — Uma rua



S. Tiago do Cacém



S. Tiago do Cacém — Muralhas do Castelo



A elegante ponte do Sol Posto



Odemira



Odemira

transportes que lhes facilita ligações regulares e económicas com os principais centros.

Por enquanto, o serviço é feito com três caminhetas, cuja lotação é de vinte e oito passageiros. São vistosos veículos, marca Citroën, pintados de amarelo com faixas vermelhas e as iniciais da Companhia, em tudo semelhantes aos carros que já circulam na carreira Evora-Barreiro.

A estrada do litoral, extensa de 273 quilómetros, além de encurtar as ligações entre a Capital e o barlavento algarvio por via ordi-



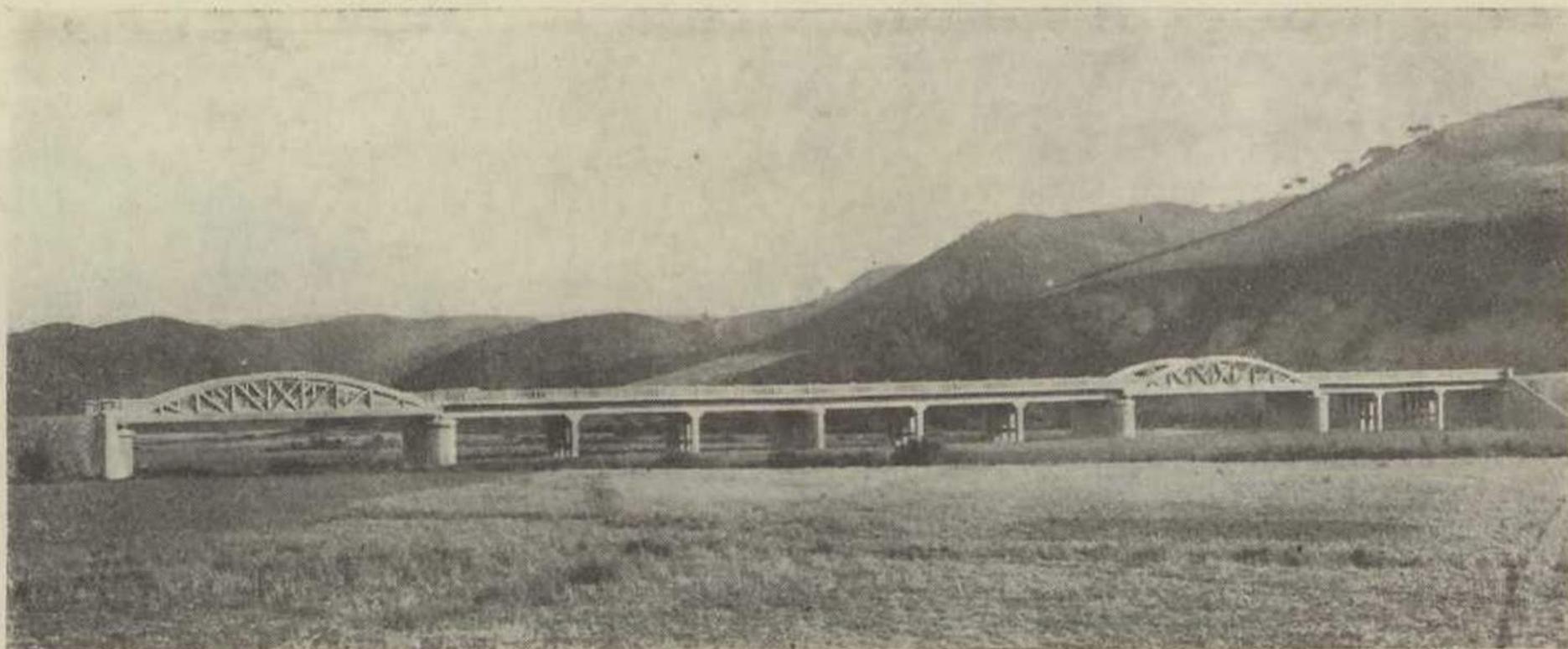
Ponte de Odemira

nária é, como atrás dissemos, muito mais pitoresca do que a por via Ferreira, servindo lindas povoações como S. Tiago do Cacém Odemira e Aljezur que bem mereciam uma pequena descrição se a natureza desta notícia o permitisse.

* * *

Existem, actualmente, duas carreiras diárias, uma em cada sentido.

A carreira ascendente, isto é, a que sai do Barreiro, parte às 8,15, chega a S. Tiago do Cacém às 12,15, tendo aí uma demora de



Outra vista da Ponte de Odemira



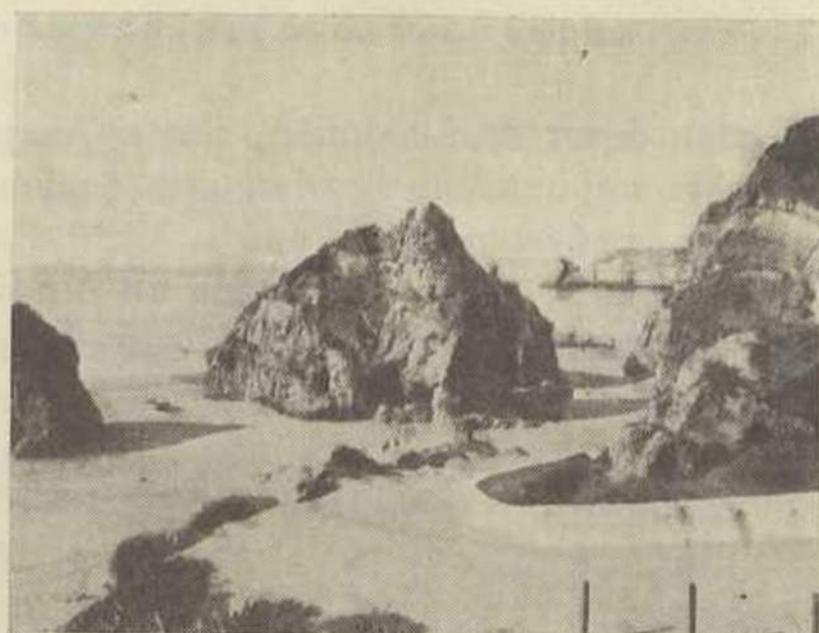
Aljezur

quarenta minutos destinada ao almoço dos passageiros. Chega a Lagos às 16,40 e, finalmente, a Portimão às 17,25.

A carreira descendente parte de Portimão às 8,15, chegando a S. Tiago às 12,45, demorando-se aqui igualmente quarenta minutos para dar tempo aos passageiros poderem almoçar. Chega ao Barreiro às 17,20. A velocidade média, fixada pela Direcção Geral dos Serviços de Viação para qualquer dos sentidos da carreira é de 30 quilómetros por hora.

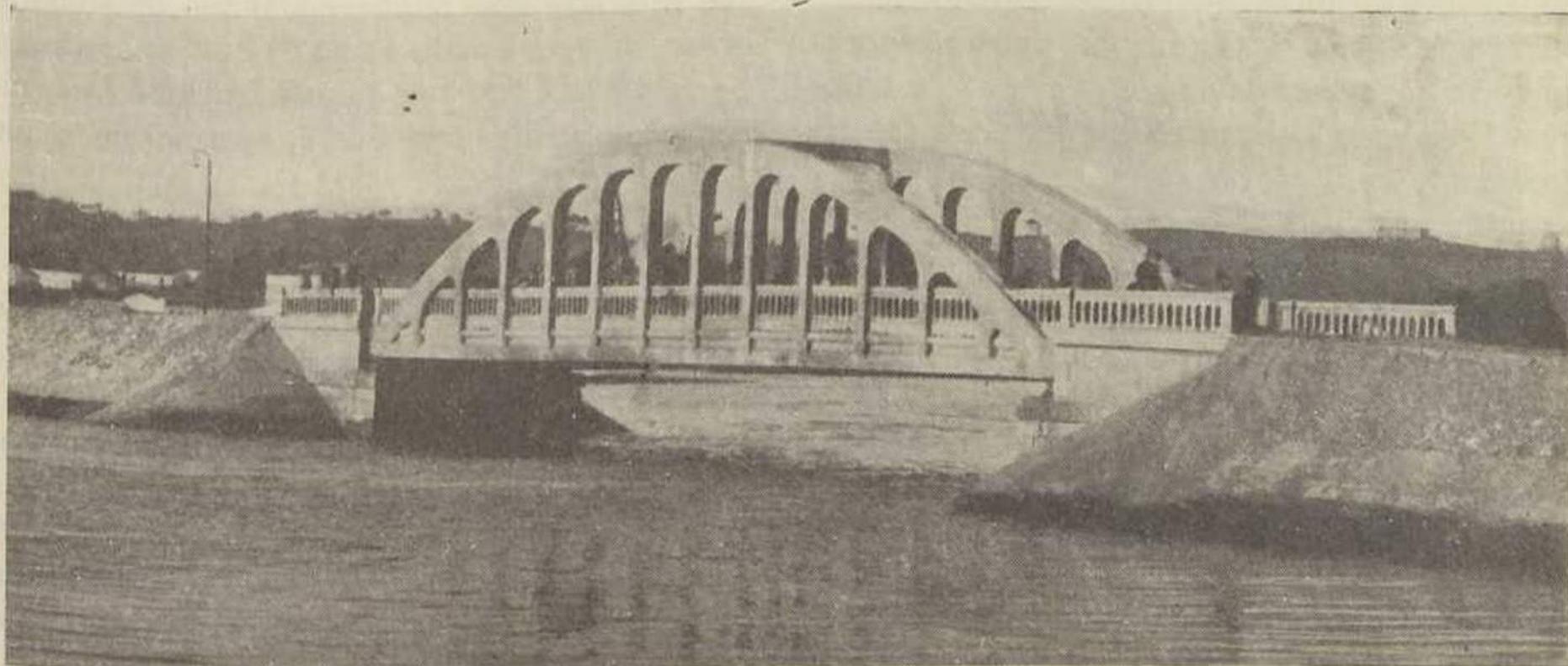
Na estação do Barreiro as caminhetas têm ligação, quer à chegada, quer à partida, com os barcos da Companhia que fazem as carreiras fluviais.

A viagem de Lisboa a Portimão por estrada



Portimão — Praia da Rocha

é feita em 9 h. e 50 m. Pelo caminho de ferro gastam-se: utilizando o comboio correio, 9 h. e 16 m., e utilizando o comboio rápido, sómente 6 h. e 39 m.



Ponte de Bensafrim

As fotografias que ilustram este artigo, exceptuando a da caminheta, são de autoria do Eng.º Ferrugento Gonçalves.

Conferências de higiene social

A EXPANSÃO LUÉTICA E OS SEUS EFEITOS SOCIAIS

Conferência realizada pelo Snr. Dr. José Carlos A. Craveiro Lopes, Director do Posto Sanitário de Alcântara-Terra

O meu dever de funcionário desta Companhia impunha-me aceitar, sem qualquer reserva, o amável convite, que o Ex.^{mo} Snr. Médico Chefe do Serviço de Saúde me dirigiu, para tomar parte nesta série de conferências.

Esta explicação parece-me necessária e, ao mesmo tempo, suficiente para justificar a minha presença neste lugar, onde me considero pura e simplesmente no desempenho duma missão de serviço.

Nesta sala assisti, com grande prazer espiritual, às brilhantes conferências dos meus colegas Matos Cid, Pacheco de Miranda e Cancela de Abreu.

Além de médicos distintos, são Suas Ex.^{as} conferencistas categorizados, pelo que, antecipadamente, apelo para a benevolência do vosso julgamento à minha modestíssima palestra.

Penso que os agentes que mais poderão aproveitar os conselhos de higiene social são aqueles que têm menor cultura. A minha preocupação dominante será, portanto, ser claro e simples na minha exposição.

Os termos médicos serão banidos quase inteiramente.

Acrescento que o assunto de que vou tratar é para ser ouvido por pessoas de ambos os sexos, de todas as idades e de diversas condições sociais.

Limitar-me-ei, por este motivo, a abordar certos aspectos do problema, que, a meu ver, podem e devem ser considerados perante todos, mesmo dentro dos nossos costumes.

Expansão luética quere dizer expansão da sífilis. *Lues* é uma expressão que significa, neste caso, sífilis e, como esta última palavra, é mais conhecida, usa-la-ei de preferência.

Syphilis era um pastor, herói dum poema

escrito em 1530 por Fracastori. Daí, a origem da palavra.

Muita gente, mesmo com um certo grau de cultura, tem sobre a sífilis uma noção muito imperfeita, confundindo-a com doenças inteiramente diferentes.

Descrevendo os traços gerais da sífilis e de algumas das suas manifestações, torna-se depois mais fácil compreender os seus efeitos sociais.

Serei breve nessa descrição porque o tempo tem de ser economizado. Felizmente, temos a sorte de poder assistir à exibição de um filme de propaganda anti-sifilitica, que a importante casa alemã *Bayer* amavelmente pôs à disposição da C. P., por intermédio do seu digno representante.

Pela minha parte, aproveito a ocasião para agradecer a Sua Ex.^a o precioso complemento que vem trazer às minhas palavras. Igualmente agradeço reconhecido ao Ex.^{mo} Snr. Engenheiro Correia Mendes o seu valioso trabalho fotográfico que, dentro em breve, apreciaremos nas projeções.

A sífilis é uma doença geral, contagiosa, de marcha crónica e produzida por um agente especial.

Doença geral quere dizer que não ataca apenas um ou outro órgão, mas que pode atingir os mais variados tecidos do corpo humano.

Contagiosa significa que se pega, como se diz em linguagem vulgar; transmite-se de indivíduo para indivíduo, em regra por contacto directo, menos vezes por objectos de que se serviram os sifilíticos.

Tem esta doença uma marcha crónica, que se estende às vezes através dezenas de anos, embora com períodos de acalmia.

E' produzida por um agente especial e não pode ser produzida sem a sua existência.

Esse agente da sífilis foi descoberto em 1905 por Schaudinn e Hoffmann e chama-se *spiroqueta pálida ou treponema pálido*.

1.^a Projecção: treponemas em campo es-euro.— Todos os ferroviários conhecem o que é a vacina contra a varíola, visto que todos foram vacinados. Entre o acto da vacina e o aparecimento da pústula vacinal, isto é, ao

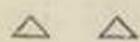
prazo que vai desde a vacinação até que a vacina «pegue» chama-se *periodo de incubação*.

Acontece o mesmo com as doenças infecciosas, e assim a sífilis tem também o seu período de incubação, que anda por cerca de 20 a 25 dias.

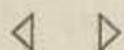
Isto quere dizer que, no indivíduo que foi contagiado, só 20 a 25 dias depois, a doença se revela.

Em geral é uma pequena ferida a que se

CONCURSO
DE FOTOGRAFIAS
DE 1936



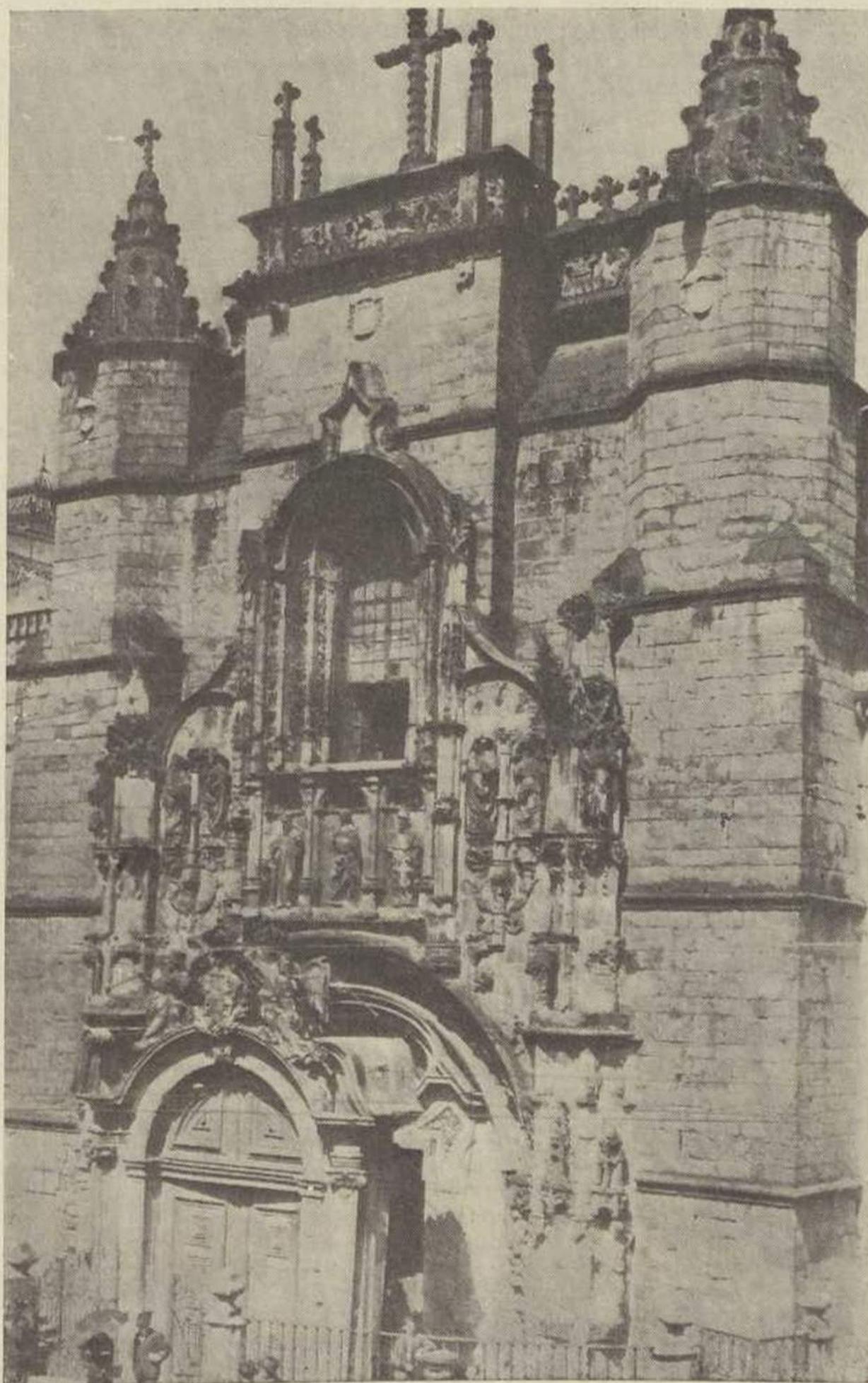
COIMBRA



Igreja de Santa Cruz



Fotog. de Álvaro Paz, enfermeiro
de 2.^a classe do Pósto de Alfa-
relos.



chama *acidente inicial* ou *cancro duro*, a maioria das vezes localizado nos órgãos genitais.

Pode acontecer, porém, e acontece com certa freqüência, que a localização dêste acidente inicial se faça noutras regiões; nalguns casos em vez de uma ferida há várias.

2.^a Projecção : Cancro do lábio superior.

3.^a » Cancro da amígdala.

Felizmente, o treponema fora do corpo humano é pouco resistente; necessita para se manter dum certo grau de humidade e temperatura.

As boquilhas, as navalhas de barba, os brinquedos de crianças humedecidos de saliva, têm dado logar a casos de contágio.

Nas fábricas de vidros os sopradores, usando instrumentos que serviram a outros, têm sido também contagiados.

O indivíduo que assim adquire a sífilis ignora quase sempre a natureza do seu mal e, por isso, pode transmiti-lo a outros com relativa facilidade.

Bartélemy, um notável médico francês, conta-nos o seguinte caso:

«Uma mulher infectada por seu marido contaminou os seus três filhos, que tiveram cada um o seu cancro duro na boca. — Estes transmitiram a doença a duas outras criancinhas, que, por sua vez, a comunicaram aos seus pais. Quando a doença foi reconhecida, havia já 11 pessoas atingidas».

Médicos, enfermeiros e parteiras, ferindo-se ao tratar sifilíticos, têm contraído igualmente o mal, apresentando, neste caso, quase sempre, o acidente inicial nos dedos.

Ha casos em que o cancro duro tem dimensões tão reduzidas que pode passar despercebido e o doente ignora estar atingido de qualquer mal.

Pouco tempo depois do acidente inicial, aparece uma adenite, isto é, uma inflamação de gânglios, massa dura e não dolorosa, geralmente, numa das virilhas.

A este primeiro período da sífilis chama-se «*periodo primário*».

Mas, tudo isto irá desaparecer ou, pelo menos,

atenuar-se, mesmo sem tratamento, e ha uma nova pausa durante a qual a doença traiçoeiramente parece adormecida.

Passadas algumas semanas, aparecem as dores de cabeça, as tonturas, mal estar geral, insónias, febre etc.; surgem então as manifestações na pele e nas mucosas.

Esta segunda fase da doença costuma designar-se por «*periodo secundário*».

E neste período que os sinais exteriores da doença são mais evidentes, embora, nalguns casos, possam ser discretos.

4.^a Projecção : Sifilide papulo-escamosa.

5.^a » Sifilide psoriasiforme.

6.^a » Alopecia específica.

As manifestações desta fase da sífilis são muito contagiosas, mas em regra não são graves, e, quando convenientemente tratadas, desaparecem rapidamente.

Entretanto, se o doente não faz um tratamento suficiente, estas manifestações podem tornar a aparecer de tempos a tempos.

Assim se passam um ou vários anos.

Com a atenuação dos seus sofrimentos, ausentes por vezes, durante largos períodos, vai o doente entrar na 3.^a fase do seu mal com a ilusão de que está curado.

E, todavia, é agora que ele corre os mais graves riscos.

E neste «*periodo terciário*» que aparecem as lesões mutilantes, destruidoras, que, mesmo tratadas enérgicamente, deixam sempre cicatrizes, e estas, quando se fazem em órgãos internos, produzem transtornos muito sérios.

7.^a projecção: Úlcera da língua.

8.^a » Goma do nariz.

9.^a » Goma do frontal.

10.^a » Carie dos ossos do crâneo.

11.^a » Perfuração do véu do paladar.

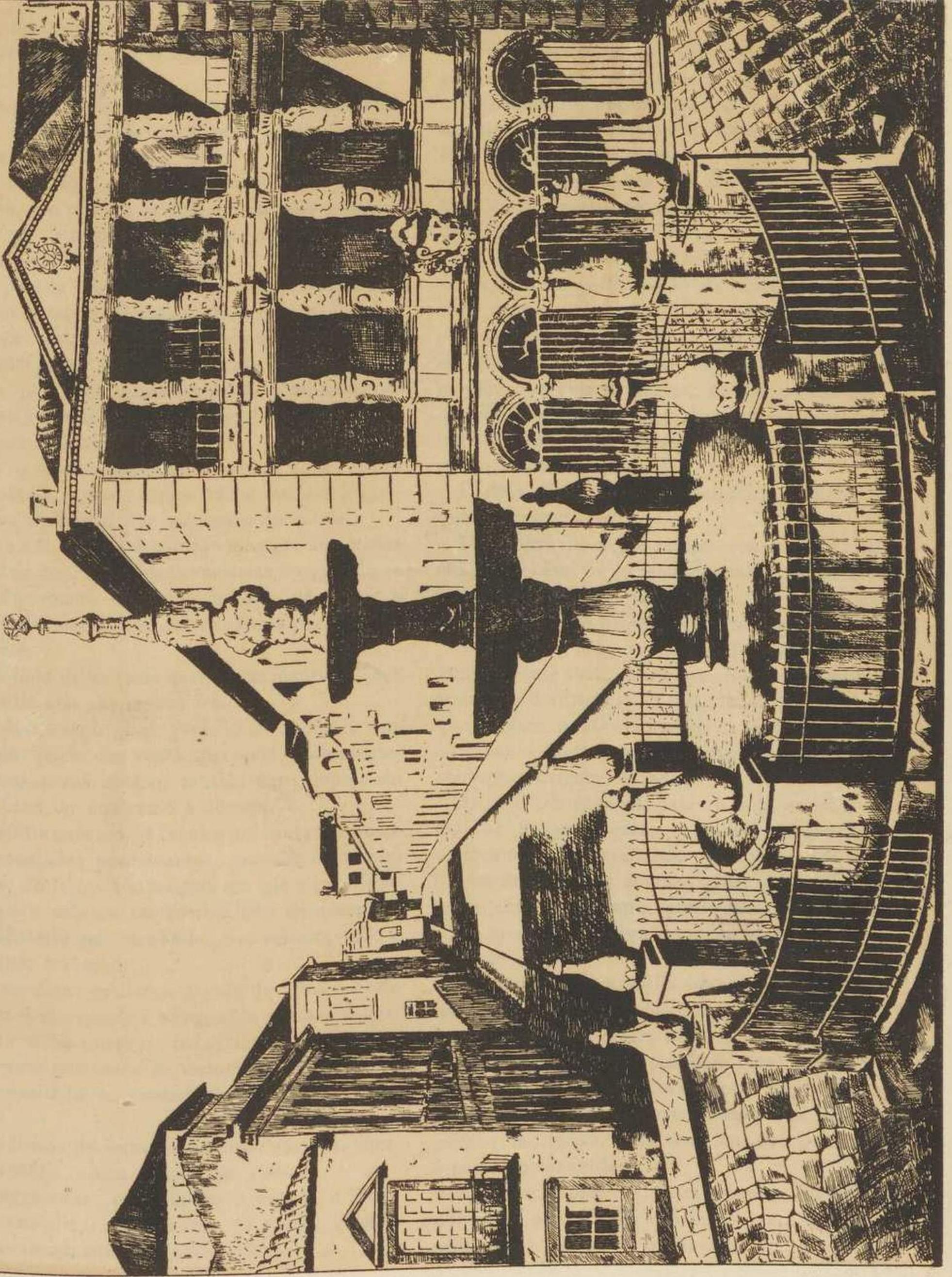
12.^a » » » » »

13.^a » Sífilis ulcerosa.

14.^a » Sífilis óssea

Destruções análogas às que acabo de vos mostrar se fazem nos órgãos internos.

Laringe, brônquios, pulmões, figado, rins,



Desenho de Antônio de Jesus Seabra

BPA/CB DE VINDA DO CASTELO O

Conselho de Desenvolvimento da

etc., todos os órgãos do corpo humano podem ser atacados pela sífilis, e tem-se reconhecido ultimamente que o são bem mais vezes do que outrora se pensava.

Mas são, sobretudo, o aparelho circulatório e o sistema nervoso os mais atingidos pela sífilis terciária.

O coração e, sobretudo, a aorta que, como sabeis, é a grande artéria que conduz o sangue para ser distribuído a todas as partes do corpo, são atacados com freqüência.

A parede dessa artéria — aorta — lesada pela doença, vai-se deixando distender e chega a formar dilatações em forma de saco.

Quasi todos vós tereis ouvido falar nas aortites e nos aneurismas da aorta, manifestações graves da sífilis e que infelizmente nos aparecem ainda muitas vezes.

Se o tratamento não intervém, estas lesões do coração e dos grossos vasos tendem a agravar-se, acabando por ser causa da morte.

Mas não são só o coração e os grandes vasos os atingidos; as pequenas artérias, rompendo-se por destruição das suas paredes, dão lugar a consequências muito graves: paralisias, cegueiras, etc.

Do lado do sistema nervoso as manifestações da sífilis não são menos trágicas.

Podem surgir já no período secundário, mas a maior parte das vezes aparecem tarde, nalguns casos mesmo muitos anos depois do indivíduo ter contraído a doença.

A sífilis nervosa dá lugar a um sem número de incapacidades permanentes, parciais ou totais, isto é, dá lugar a situações em que o indivíduo fica para sempre impossibilitado de desempenhar determinado trabalho, ou, mesmo, todo e qualquer trabalho.

A medicina moderna dispõe de processos de tratamento especiais adequados aos casos graves de sífilis nervosa; todavia, é preciso frisar que êsses processos de tratamento nem sempre dão resultado e, noutros casos, êste é incompleto.

Paralisias de forma e extensão variada, devidas à sífilis, quem as não tem visto?

Desgraçados, condenados a passar o resto dos seus dias em cadeiras de rodas, quando não na cama, quem os não conhece?

Alguns de vós terão ouvido falar no tabes e na paralisia geral.

Seria interessante indicar, ao menos, alguns sinais de alarme desses terríveis flagelos.

Infelizmente, porém, quando o doente, ou a família, notam os primeiros indícios, já a doença está bastante adiantada.

No tabes as lesões são na espinha medula, isto é, na parte do sistema nervoso contida dentro da coluna vertebral.

A doença começa de diferentes formas: às vezes é uma perturbação da vista o primeiro sinal notado pelo doente, que vai consultar um especialista de olhos; outros sentem dificuldade em urinar e dirigem-se naturalmente a um médico das vias urinárias; outros notam que, quando estão às escuras, perdem o equilíbrio; outros, ainda, são vítimas de crises dolorosas muito intensas.

Pode a doença ficar estacionária, sobretudo quando tratada.

De contrário, segue muitas vezes a sua marcha inexorável e o doente acaba por morrer imobilizado numa cadeira, ou na cama, em consequência de complicações várias.

Também o começo da paralisia geral se faz muitas vezes insidiosamente. São actos excéntricos, ou delituosos, ou a mudança de carácter, que atraem a atenção sobre o doente, o qual continua a exercer as suas funções, sem que se conheça a origem do mal.

As perturbações da palavra e da escrita, os delírios de grandezas, os sinais de loucura, os tremores, as paralisias, vão aparecendo sem ordem definida e o doente, quasi sempre internado num manicómio, perde toda a sensibilidade moral e afectiva e morre dentro de poucos anos.

Precisamente as sífilis ignoradas e aquelas que menos manifestações têm de início, são as que parecem dar maior número de vezes lugar a casos de tabes e de paralisia geral.

A paralisia geral é a mais grave compilação da sífilis, pelas consequências que traz, não só para o indivíduo, mas também para a família e para a colectividade.

Estes exemplos de manifestações da sífilis adquirida são apenas suficientes para vos permitir fazer uma ideia da doença.

Já vos disse, e de resto todos vós o sabeis, que a sífilis pode ser hereditária e o é num grande número de casos.

Isto não quere dizer que os filhos dos sifilíticos contraiam sempre o mal; quando os pais foram convenientemente tratados, ou quando a sífilis é antiga, podem nascer saúdos.

As vezes, os irmãos mais velhos são sifilíticos e os mais novos não.

A sífilis de segunda geração, isto é, provinda dos avós, é relativamente rara, ao contrário do que geralmente se julga.

E' um êrro muito grave supôr-se que, durante a gravidez, as mulheres não podem fazer um tratamento enérgico.

Esta suposição existe ainda no espírito de muita gente, causando numerosas vítimas.

Pelo contrário, durante a gravidez há necessidade de um tratamento rigoroso, para evitar o nascimento de uma criança sifilítica.

Nalguns países nem mesmo é permitido o casamento a indivíduos com sífilis insuficientemente tratada.

Nesses países exige-se um atestado médico pré-nupcial.

Os indivíduos que nascem sifilíticos podem apresentar logo manifestações aparentes, apresentá-las algum tempo depois ou só muito mais tarde.

Quando a criança nasce já com manifestações exteriores, estas são muito contagiosas.

No recém-nascido, a resistência é mínima e a infecção é geral; a mortalidade é grande.

Se a criança nasce com aspecto normal, pode o exame do sangue, ou a observação dos casos pelos raios X, mostrar-nos que está atacada de sífilis.

Em qualquer caso, mesmo que êsses exames nada revelem, os filhos dos sifilíticos têm de ser submetidos a uma vigilância médica prolongada por vários anos, visto que a sífilis hereditária se pode manifestar tardivamente.

Nas crianças que resistem, encontram-se com freqüência taras reveladoras nos dentes, olhos, ouvidos e outros órgãos.

As malformações, como o lábio lepurino (lábio fendido), guela de lobo, dedos supranumerários, etc., têm como causa muitas vezes a sífilis.

15.^a projecção: (dentes Hutchinson).

16.^a " (sífilis hereditária óssea — antebraços e pernas).

17.^a projecção: sífilis hereditária — Destrução dos ossos do nariz).

Outras vezes juntam-se taras psíquicas — crianças atrazadas, imbecis ou idiotas, consequência da sífilis dos pais.

Mesmo tratada correctamente, a sífilis hereditária é uma doença grave e, quando a criança apresenta manifestações logo à nascença, o tratamento nem sempre consegue evitar a sua morte.

Se a criança nasce antes do tempo (o que se dá com freqüência), a sua resistência é ainda menor.

Como vêdes, a sífilis é uma doença que ataca o indivíduo em todas as idades, em todos os climas e em todas as condições sociais.

A freqüência da sífilis é enorme. — A sífilis e a tuberculose são as duas doenças que mais vemos. — E' difícil dizer ao certo qual é a percentagem de sifilíticos em relação ao número total de indivíduos. As estatísticas dão-nos cifras muito diferentes conforme os países. De uma maneira geral, a percentagem de doentes é maior nas grandes cidades do que nas aldeias, aumenta nos períodos de guerra e nos que se lhe seguem, bem como nos períodos de verdadeira ou falsa riqueza e diminui nos países onde a luta contra a doença se organizou de maneira criteriosa.

Nalguns serviços clínicos, que não são os da especialidade, chega a encontrar-se uma percentagem de 20 a 25 de sifilíticos.

Depois, é preciso notar que nos últimos 30 anos os progressos da ciência permitiram reconhecer a sífilis em muitos casos onde se ignorava a sua existência.

Há poucos meses tinha, na minha consulta do Pôsto de Alcântara-Terra, organizado fichas médicas de 994 agentes, entre os quais havia 130 casos de sífilis certa; em 315 pessoas de família, 42 apresentavam também sinais suficientes para se poder afirmar com segurança a existência desta doença.

Deixo fora destes números os casos duvidosos.

(Continua)

O CASTELO DE ALMOUROL

Pelo Sr. António Monteiro, Chefe de Secção de Conservação da Divisão de Via e Obras

ATRAÍDO por um anúncio dos jornais, tomei, há semanas, na estação do Rossio, um «Expresso Popular», que se dirigia a Almoorol e Abrantes.

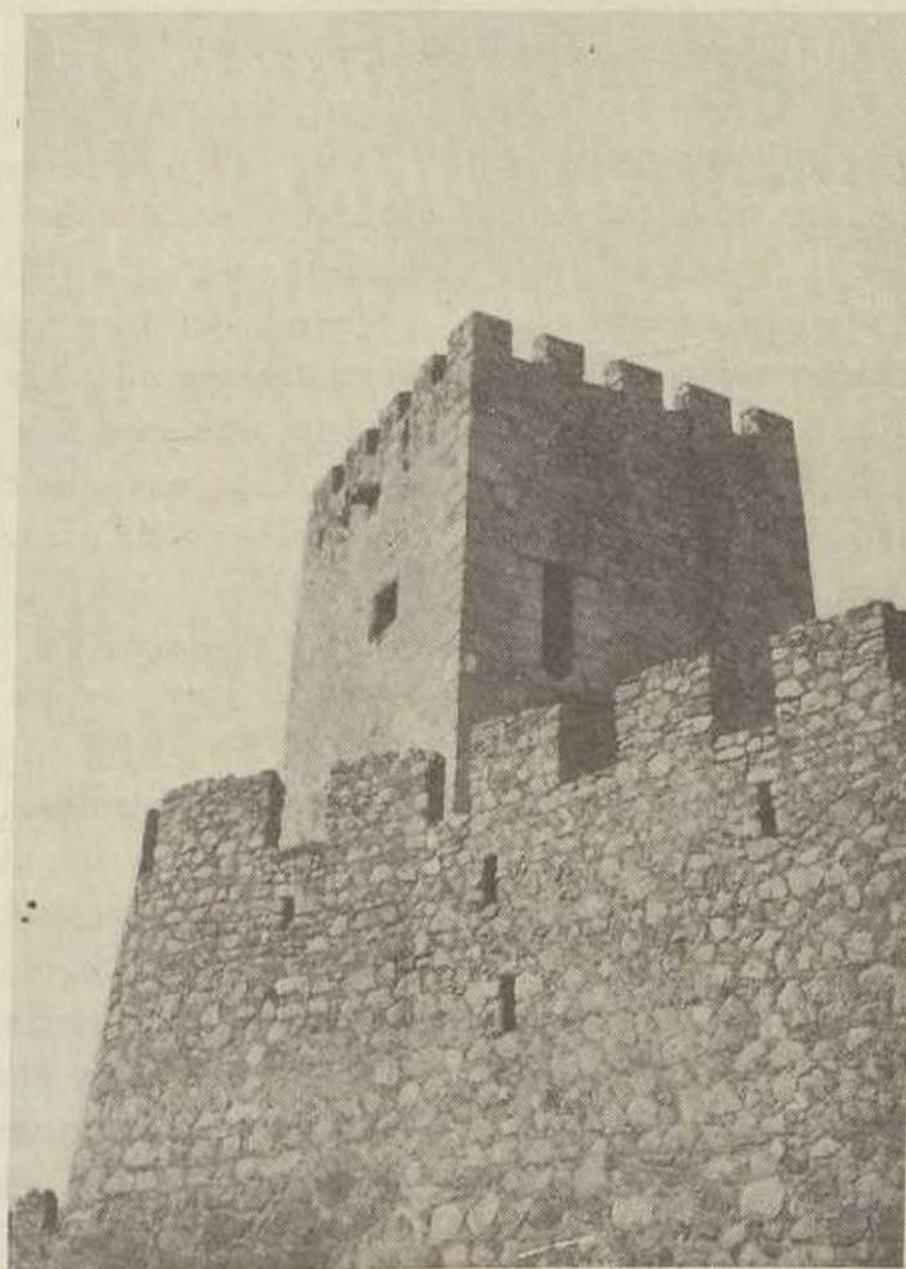
Até Santarém, a viagem desse «Expresso» económico — que ao turismo nacional tantos serviços tem prestado — fez-se à beira do Tejo, cortando uma das mais encantadoras regiões de Portugal.

Estava um dia de sol lindíssimo, um desses dias de sol outono, que iluminava fortemente a lezíria ribatejana, mesclada aqui e além de manchas negras de gado bravo.

Mais adiante, é um rebanho de ovelhas que foge do combóio, e, como o dia está claro, toda a actividade da campina se desenrola aos nossos olhos.

Perto de Vila Franca, um grupo de campinos galopa atrás de um toiro, que, de cabeça empinada, corre ligeiro, a fugir da manada. Dá graça ver o aprumo e a galhardia desses homens, valentes e decididos, de pampilho ao ombro e trajo colorido, brincando com a morte, com a mesma naturalidade como se fossem para uma festa...

Avista-se ao longe uma ponte monumental.



A Torre de Menagem do Castelo de Almourol que, esbelta e imponente, domina uma paisagem de maravilha

Fotog. de João da Silva Marques, empregado de 1.ª classe da Divisão de Exploração.

Defronte, do lado de lá do rio, outra aldeia, esta em anfiteatro, com casas brancas a mergulhar na água. É o Arrepiado, guarnecido à volta com manchas de oliveira e pinheiral, que mais fazem destacar a casaria!

Há uma curva na linha, e, de repente, quando menos esperamos, avisto, no meio do Tejo, o

Estamos perto de Santarém, que, lá no alto, contempla do miradouro das «Portas do Sol» um dos mais sugestivos panoramas da nossa terra.

O Tejo continua ao nosso lado, alegre, de águas calmas, e, entretanto, o combóio atravessa montados de sôbro e pára no Entroncamento, povoação moderna que deve o seu desenvolvimento ao caminho de ferro.

Depois de uma curta paragem, retoma a marcha e segue pela Linha de Leste. Não tarda a aparecer-nos, à direita, a casaria branca de Vila Nova da Barquinha, e o Tejo volta a aparecer a nosso lado, desta vez com fragatas veleiras, a torná-lo mais pitoresco!

Tancos fica logo adiante. É uma povoação pequena, com duas igrejas que me dizem interessantes, uma das quais a Matriz, com um belo pórtico Renascença, que se avista do combóio.

Castelo de Almourol, um dos mais interessantes de Portugal, pelo pitoresco da situação e pelas suas lendas curiosas, que chegaram a constituir o centro de uma «epopeia medieval disseminada pelos livros de cavalaria e nos contos populares».

* * *

O combóio parou mesmo defronte do castelo. Todos os passageiros se apearam, tomando um caminho que vai dar à beira do rio.

Vamos atravessar o rio de uma maneira curiosa, pois o Batalhão de Pontoneiros, que tem a sede em Tancos, quis proporcionar-nos a visita ao castelo, e, para isso, montou uma ponte, assente em barcos.

O Castelo de Almourol, cuja fundação parece dever-se aos romanos, foi reconstruído em 1171 por Gualdim Pais, Mestre da Ordem dos Templários.

Ergue-se majestoso e sério sobre um montão de rochedos caprichosos, decorados com salgueiros, choupos e figueiras. Aqui e ali, o musgo trepou pelas muralhas, e, nas ameias, grinaldas de hera penduradas em festões dão um ar melancólico e pitoresco ao padrão lendário, que tantos séculos depois conserva a elegância das suas linhas!

* * *

Entro no castelo por uma porta pequena em ogiva, e, depois de o percorrer vagarosamente, trepo à Torre de Menagem, que, esbelta e imponente, domina uma paisagem de maravilha.

Nas águas espelhentas do Tejo projecta-se a massa verde das margens, inspiradoras, como o castelo, de antigos trovadores e romancistas, que dêle fizeram teatro de vários dramas de amor!

Para o Sul, avistam-se extensas campinas, e, para o Norte, a Praia do Ribatejo, povoação industrial próxima de Constância, vila alegre a mirar-se nas águas do Tejo e do Zézere, esquecida já do desterro sofrido por Luiz de Camões, por virtude dos seus amores com a Natércia!

Passou o tempo a correr, e, quando o «Expresso Popular» seguia para Abrantes, todos os meus companheiros de viagem o tomaram.

Fiquei só, a contemplar aquèle panorama emotivo, aquela paisagem de grandeza!

Evoquei lutas e assaltos de que o castelo teria sido cenário, e, de quando em quando, debruçava-me pelas muralhas fora, convencido de que tropas de outro tempo o assaltavam!

Momentos houve em que ouvi o entrechocar das lanças e o alarido da soldadesca, levando à frente a figura varonil do porta-bandeira, empunhando o glorioso estandarte da Ordem do Templo, que precedeu a mui nobre Ordem Militar de Cristo!

Depois pensei se aquèle monumento não teria sido um castelo de fadas, erguido no meio do Tejo, com fins poéticos e amorosos!

Quando entardecia, contemplei, do alto daque-las muralhas históricas, embarcações que de vela erguida iam pelo rio abaixo, e a meu lado, debruçadas nas ameias, eu via as vestes brancas dos Templários, com a cruz de sangue sobre o peito!

* * *

Desci das muralhas. No areal, junto aos rochedos, nos restos de um cais antigo, atracava o barco de um pescador, um pobre velho que, àquela hora, ainda tentava atrair as tainhas, que saltitavam alegres naquelas águas de prata.

Conversei com êle, para lhe contar quanto a visita ao castelo me tinha impressionado!

Tive vontade de ser também pescador, para poder contemplar, a todas as horas, as muralhas poéticas de Almourol.

Foi então que o pobre velho me contou uma lenda antiga, que o povo daquêles sítios não esqueceu ainda:

— «D. Ramiro, cavaleiro godo e Senhor do castelo, era um soldado valoroso, rude e cruel, que um belo dia partiu a combater os moiros. No castelo, ficaram, inconsoláveis, sua mulher e uma filha, de nome Beatriz, ambas formosíssimas.

Tendo cometido mil atrocidades durante a campanha, regressava cheio de orgulho ao cas-



O Castelo de Almourol ergue-se magestoso e sério sobre um montão de rochedos caprichosos.

Fotog. de João da Silva Marques, empregado de 1.^a classe
da Divisão de Exploração.

telo, quando encontrou duas moiras, mãe e filha, que voltavam da fonte.

A filha — linda como os amores — trazia uma bilha com água, e, como D. Ramiro viesse cheio de sede, pediu-lhe de beber; a moira assustou-se e deixou cair a bilha, que se partiu.

O cavaleiro gôdo, cego de cólera, enristou a lança e feriu mortalmente as duas moiras. Acudiu-lhes um rapaz da mesma família, com pouco mais de 10 anos, que D. Ramiro levou cativo para o castelo.

O pequeno moiro, ao ver a mulher e a filha do castelão, jurou que seriam vítimas da sua vingança!

Passaram os anos. A castelã caiu doente, e, pouco a pouco, foi-se definhando, até morrer, ao que se diz, envenenada pelo jovem agarenho.

D. Ramiro, cheio de desgostos, volta a combater os infieis, deixando no seu solar Beatriz, em companhia do novo pagem, por quem se apaixona, o qual «lhe atribue afecto por afecto, sendo o amor mais forte que o ódio da raça e o seu desejo de vingança.»

Uma tarde de verão voltava D. Ramiro das lutas, acompanhado de um outro castelão, a quem prometera a mão de Beatriz. Os dois amantes, no auge do desespere, fugiram para não mais voltar.

D. Ramiro, acabrunhado pelo desgosto, fez-se peregrino, quem sabe se para procurar os amrosos, ficando o castelo, a partir de então, abandonado!

Disse-me o pescador que, na noite de S. João, aparece na torre mais alta do castelo o moiro abraçado a Beatriz. D. Ramiro, roja-se-lhes aos



Muralhas do Castelo de Almourol

Fotog. de João da Silveira Marques, empregado de 1.ª classe da Divisão de Exploração.

pés, e a mulher, junto dêle, implora clemência, sempre que o moiro solta a palavra «Maldição».

«E por isso arrependido,
de mil torturas tranzido,
o cavaleiro cristão
de negro burel vestiu-se,
de sandálias e bordão;
e o seu castelo deixando,
suas armas olvidando,
foi nos bosques solitários
«Deus rogar seu perdão.

O castelo, pouco a pouco,
começou a desabar,
ficando só as ruínas
para o castigo lembrar;
ainda hoje as águas dizem
daquêles dois a paixão;
e os destroços pardacentos
desses paços opulentos,
desmantelados no chão,
indicam ao viajante
os crimes do castelão.»

* * *

Anoitecia.

O pescador prendeu o barco a um rochedo
e atravessou comigo a ponte improvisada.

Subimos até ao apeadeiro de Almourol, que
fica defronte do castelo.

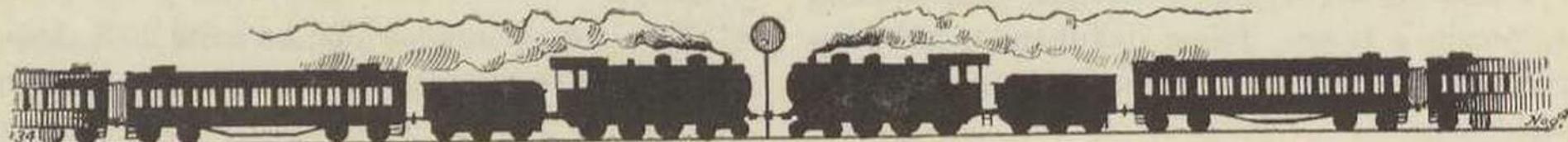
Chegava de Abrantes o «Expresso». Tomei o
meu lugar, e, debruçado da carruagem, não me
cansava de contemplar aquela paisagem de
maravilha, que, iluminada pela luz da lua, é
uma das mais suaves, mais sugestivas e evoca-
doras da nossa terra!

E, no regresso a Lisboa, pensei que intere-
sante seria aproveitar, numa noite de S. João,
aqueelas históricas muralhas para uma represen-
tação ao ar livre. Sonhei o espectáculo que
seria a descrição da lenda que o pescador me
contou, nessa linda tarde de outono.

Pareceu-me ouvir os acordes de uma grande
orquestra, dentro dos antigos paços de Guadim
Pais, e a voz de um peregrino, de negro burel
vestido, gritar:

— «Donde fugiu vossa filha?
bom romeiro, me dizei.
— Do Castelo d'Almourol,
que me havia dado El-Rei.»

Palestra da série «Terras de Portugal», proferida
na Emissora Nacional no dia 22 de Novembro p. p.





LUCUBRAÇÕES

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1936

*Fotog. de Manuel Esteves Júnior, empregado
de 2.º classe da Divisão de Exploração.*

Consultas e Documentos

CONSULTAS

I — Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 657. — Em aditamento à pergunta n.º 655, peço o favor de me dizer se, no caso de excesso de percurso na mesma classe a cobrança deve ser efectuada em conformidade com o n.º 2 da pergunta n.º 612 do Boletim n.º 72.

R. — O n.º 2 da consulta n.º 612 ficou prejudicado pela resposta á pergunta n.º 655.

Esclarece-se, porém, que, quando os passageiros utilizem comboios que façam serviço de trânsito no percurso de Setúbal a Lisboa-T. P. se deve fazer a cobrança pela Tarifa 3 com o aumento de 10%.

P. n.º 658. — Indicando a Classificação Geral de Mercadorias a rubrica: «Cordas de matérias têxteis não designadas», desejo saber se as abaixo indicadas estão compreendidas na referida rubrica.

Cordas de cairo	
» » cânhamo	
» » esparto	
» » juta	
» » linho	
» » manila	
» » pita	
» » sizal	

R. — Sim senhor, tôdas as cordas que indica devem considerar-se abrangidas pela rubrica da Classificação Geral: «Cordas de matérias têxteis não designadas».

P. n.º 659. — Desejo saber se o transporte de um cavalo, no valor de 15:000\$00, de Entroncamento para Torres Novas em g. v. só se pode efectuar mediante ajuste prévio ou se se pode aplicar a Tarifa Especial n.º 2 de G. V. pagando por vagão completo e por 40 Km.? O expedidor declara que se conforma com a aplicação desta Tarifa visto que a Tarifa Geral

não admite animais de valor superior a 10:000\$.

R. — Quando se dê o caso a que se refere deve informar o expedidor de que tem de consultar o Serviço do Tráfego, directamente ou por intermédio da própria estação expedidora. Esta, em qualquer das hipóteses, aguardará instruções do Serviço do Tráfego ou do Serviço de Fiscalização, sobre a taxa a aplicar.

P. n.º 660. — Qual a importância a cobrar a um passageiro que avisa ou não o revisor e é portador de bilhete de 3.ª classe da Tarifa 11, de Feliteira a Lisboa R e que em Sabugo passa para a 2.ª classe?

R.

Com aviso:

Dois Portos a Lisboa R — 58 quilómetros.	
Tarifa Geral em 2.ª classe	15\$55
A deduzir: bilhete da Tarifa 11..	10\$15
Diferença.....	5\$40
5\$40 \times 5%	\$30
A cobrar	5\$70

Sem aviso:

Tarifa Geral em 2.ª classe	15\$55
A deduzir: bilhete da Tarifa 11 ..	10\$15
Diferença.....	5\$40
5\$40 \times 100%	5\$40
A cobrar	10\$80

II — Movimento

Livro 2:

P. n.º 661. — A estação de Panoias tendo conveniência em transferir para Funcheira o cruzamento de determinado comboio com origem daquela estação pode ou não deixar de trocar os primeiros telegramas que constam do artigo n.º 25.º do Livro 2?

R. — Tendo o comboio atrasado origem na estação para onde é transferido o cruzamento, no primeiro telegrama deve perguntar pelo atraso provável com que sairá esse comboio.

A estação de origem deve responder em conformidade.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

2.^º Aditamento à Circular n.^º 839. — Inclui, nas disposições da circular n.^º 839, a estação de Outeiro, para os transportes de fruta provenientes do Concelho de Torres Vedras.

18.^º Aditamento à Tarifa Geral. — Para evitar acumulação de sobretaxas, quando se trate do transporte de volumes sujeitos, simultaneamente, aos recargos estipulados no Art.^º 64.^º e aos que correspondem às massas indivisíveis de peso superior a 3:000 Kgs., publicou-se êste aditamento que indica as sobrecargas de que deverão estar cativas as taxas relativas a remessas desta natureza.

Aviso ao Públíco A. n.^º 510. — Estabelece o preço especial de 48\$25 por tonelada de vagão completo para o transporte de adubos da estação de Praias-Sado para as de Olhão, Tavira, Vila Rial de Santo António e Lagos.

Este preço inclui todos os encargos que oneram as tarifas e abrange também as despesas de evoluções e manobras.

Aviso ao Públíco A. n.^º 511 (26.^º aditamento ao A. n.^º 434). — Anuncia a abertura, a partir de 16 de Novembro, do serviço combinado de camionagem com os snrs. Pereira & Leite, entre a estação de Famalicão e os Despachos Centrais de Famalicão e Pevidem.

Aviso ao Públíco A. n.^º 512. — Eleva de 30 para 50% a redução no transporte de cãis de caça.

Comunicação-Circular n.^º 44. — Comunica que foi superiormente resolvido que Aveiro-Canal e Viana-Doca passem a expedir e a receber remessas de detalhe e indica as condições em que se efectuarão êstes transportes.

Carta-Impressa n.^º 16 — Esclarece que, em virtude da publicação do 17.^º aditamento à Tarifa Geral, se deve considerar sem efeito a carta-impressa n.^º 10 do Serviço do Tráfego, que se refere ao transporte de pequenas aves nas carruagens.

II — Fiscalização

Comunicação-Circular n.^º 23. — Esclarece sobre a forma de proceder no caso de excesso de percurso.

Comunicação-Circular n.^º 24. — Em virtude das disposições da Ordem da Direcção Geral n.^º 250, que regulam os transportes de serviço da Companhia, chama muito especialmente a atenção do pessoal interessado para o que se determina nos seus n.^ºs 3.^º, 7.^º e 11.^º

Comunicação-Circular n.^º 25. — Amplia o número de estações que podem vender bilhetes para início de viagens aos sábados.

Carta-Impressa n.^º 57. — Relaciona os bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados na 2.^a quinzena do mês de Outubro de 1936 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.^º 58. — Em virtude da rescisão do acordo de publicidade com o jornal «A Montanha», do Porto, comunica ter sido anulada a concessão do seu transporte gratuito.

Carta-Impressa n.^º 59. — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 1.^a quinzena do mês de Novembro de 1936 e que devem ser apreendidos.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Novembro de 1936

	Antiga Rete		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8	5.110	5.450	2.010	2.127	3.409	3.144
* * 9 * 15	4.828	4.809	1.600	1.868	3.333	2.888
* * 16 * 22	4.875	4.520	1.673	1.704	2.834	2.753
* * 23 * 30	5.897	5.930	2.081	2.016	3.406	3.477
Total	20.710	20.709	7.424	7.715	12.982	12.262
Total do mês anterior	21.767	21.208	8.384	8.880	16.175	13.345
Diferença ..	-1.057	-499	-960	-1.174	-3.193	-1.083

Factos e Informações

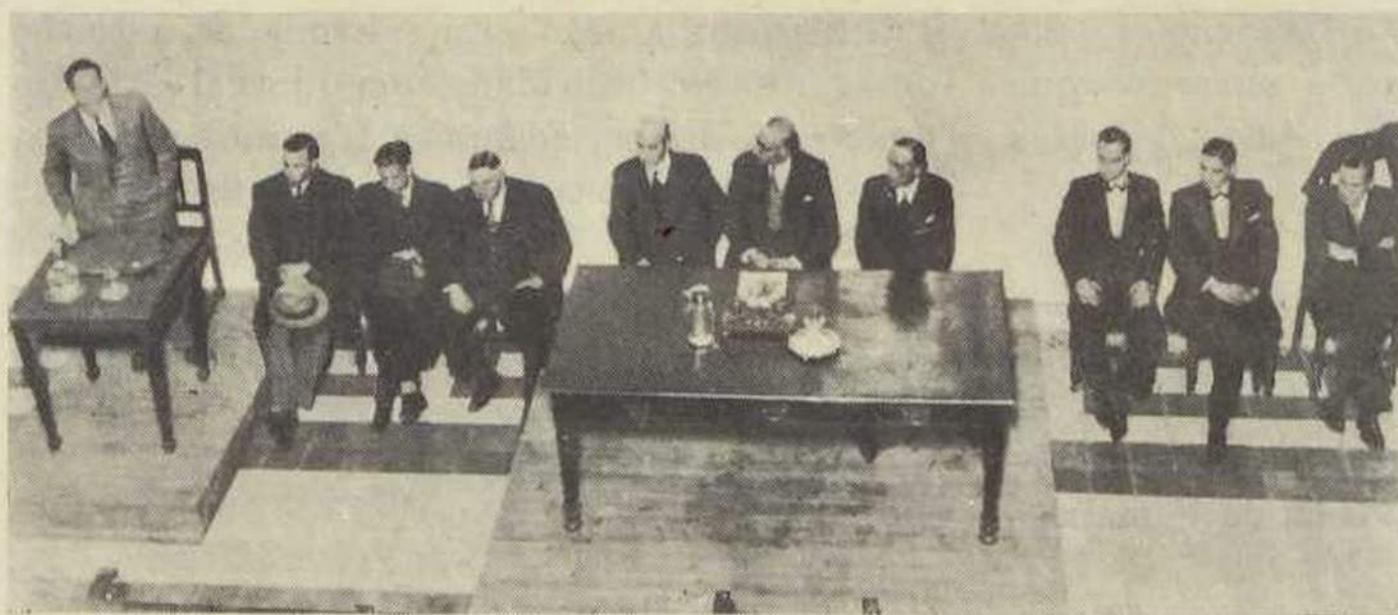
Ateneu ferro-viário

Decorreram no passado mês de Dezembro com o maior brilhantismo as festas comemorativas do segundo aniversário do Ateneu Ferro-viário, que tiveram início na noite de 2, com uma sessão solene presidida pelo Sr. Vasco de Moura, Secretário Adjunto da Direcção Geral, tendo o conhecido professor da Escola Superior de Educação Física, Sr. Dr. Salazar Carreira, proferido uma curiosa conferência intitulada «Educação Física».

Depois, no sábado 5, realizou-se nos salões da Casa do Algarve um concorrido sarau que terminou por um animado baile. No sábado, 12,

finalmente, como fecho feliz destas festas, o grupo cénico do Ateneu representou no salão de espectáculos da Sociedade «A Voz do Operário» a bonita opereta «Entre Silvados», da autoria de Armando de Castro e música do maestro Júlio Pontes. A interpretação de todos os actores amadores satisfez por completo a numerosa assistência que enchia a ampla sala de espectáculos e veio confirmar, mais uma vez, a muita competência com que o Sr. Heitor de Vilhena exerce o seu cargo de director e ensaiador do grupo cénico.

O papel de «Fantina» foi interpretado por Benedita Pimentel com bastante à vontade e consciênciia. Ivone Guedes harmonizou com



O Sr. Dr. Salazar Carreira disserando sobre Educação Física na sessão inaugural das festas comemorativas do 2.º aniversário do Ateneu Ferro-viário. Na mesa da presidência o Sr. Vasco de Moura, Secretário Adjunto da Direcção Geral e os Srs. Barral, vice-Presidente da Assembleia Geral do Ateneu e Mário de Oliveira, seu Presidente.

O grupo cénico do Ateneu, depois da representação da opereta *Entre Silvados*, que constituiu um absoluto êxito, acompanhado de alguns dos membros da Direcção e do actual director da secção musical, Sr. capitão Manuel Ribeiro.





Uma numerosa assistência encheia a vasta sala de espetáculos da Sociedade Beneficência e Instrução «A Voz do Operário», para ver a representação da opereta *Entre Silvados*.

muita distinção e talento a figurinha de «Maria». Elvira Guedes valorizou o papel secundário que lhe foi confiado com a proficiência

distribuíram. Heitor Vilhena, como sempre, impecável como actor e como cantor. Joaquim Malta, encarnou o seu papel com muito talento

O actual director da secção Musical do Ateneu, Sr. Capitão Manuel Ribeiro, com os componentes da Orquestra que graciosamente prestou o seu concurso na representação da opereta *Entre Silvados*.



já conhecida. Rosa A. Rodrigues fechou com muito brilhantismo o 2.º acto. Ludovina Silva e Ofélia Melo muito bem, nos papéis que lhes

e mesmo brilhantismo. Alvaro Santos e Carlos Lopes, representaram com consciência. António Guerra, cantou bem e Fernando de Maga-



A actual Direcção do Ateneu. Da esquerda para a direita: — Pedro Sebes, 2.º Vogal; Domingos Piteira, 2.º Secretário; António Arrabaça, 1.º Secretário; Mário de Oliveira, Presidente; Raúl de Magalhães, Tesoureiro; José Júlio Ferreira, 1.º Vogal e António Hipólito Júnior, Vogal suplente.

Ilhãis e António de Araújo procuraram cumprir bem. Por último, diremos que, para completo êxito, a pequenina Maria Antonieta de Magalhãis enlevou a assistência no final do último acto, pela maneira tão natural como se apresentou.

O espectáculo foi, também, valorizado pela forma como foi tocada toda a partitura pela orquestra composta de distintos músicos que gentil e graciosamente ofereceram o seu concurso, dirigida pelo novo director da secção musical, Sr. Maestro Manuel Ribeiro. Também ao Sr. Rocha Pires, que tem demonstrado desinteressada amizade pelo Ateneu, se deve um pouco do êxito que obteve este espectáculo, que consagrou definitivamente o grupo cénico do Ateneu.

O *Boletim da C. P.* endereça os seus parabens a todos e felicita o Ateneu pela maneira como decorreram as festas comemorativas do seu segundo aniversário.

Quando os caminhos de ferro eram prejudiciais aos ruminantes

Em 27 de Novembro último celebrou-se em França o centenário do primeiro caminho de ferro, a vapor, francês: o famoso caminho de ferro de Saint-Germain.

Dizemos caminho de ferro «a vapor», porque a circulação de veículos de tracção animal sobre carris — já de uso corrente, em pleno século XVI, no País de Gales (Inglaterra) — é muito anterior à invenção da locomotiva.

O antepassado comum de todos os caminhos de ferro a vapor é incontestavelmente o de Stockton a Darlington em Inglaterra. Nos seus carris históricos, locomotivas rebocaram, pela primeira vez, comboios de mercadorias; de mercadorias, note-se bem, porque a ideia de confiar outras vidas, além das do maquinista e do fogueiro, ao «corcel de ferro e bronze, que resfolga vapor pelas narinas», surgiu mais tarde. Ao tempo, as carruagens de passageiros eram, tradicional e prudentemente, rebocadas por... cavalos.

Essa prudência estendia-se, também, aos novéis caminhos de ferro e manifestava-se, entre outros modos, no cuidado de fazer pre-

ceder os comboios de um cavaleiro, que tinha por missão o regular, pela sua própria, a velocidade do «monstro» e serenar as populações indefesas e aterrorizadas!

Finda a fase «heróica» dos caminhos de ferro, apareceu o primeiro comboio a vapor «autêntico»: o de Liverpool a Manchester. É nêle que se inicia a linhagem e a prosápia dos expressos modernos.

Várias vezes nos temos referido aos protestos e receios com que foi acolhido, em todos os países, o novo meio de transporte.

É admirável o estilo apocalíptico em que, numa petição dirigida aos respeitáveis membros da Câmara dos Comuns, se salientavam os graves malefícios do caminho de ferro. Ajuízem os leitores:

«A Câmara dos Comuns, (dizia a petição), não acredita na existência da fumarada, do barulho, dos silvos e dos rugidos das locomotivas, passando à velocidade de 20 quilómetros à hora?»

«Os animais que trabalham nos campos e os que pastam nos prados, não os suportarão sem temerosos efeitos. É por isso que nos meios de agricultores, criadores e produtores de leite já lavra a revolta!»

«O ferro encarecerá 100% ou talvez mais ainda e as minas esgotar-se-ão em breve.»

«Não se podem prever os efeitos e as profundas perturbações que a invenção do caminho de ferro provocará em todas as partes do reino!»

Daqui se conclue que os camponeses estavam convencidos de que a erva que crescesse ao lado da via férrea envenenaria o leite das suas vacas e que a passagem das locomotivas destruiria instantaneamente toda e qualquer espécie de vegetação!

É felizmente certo que, em toda a parte, pouco duraram tão pueris terrores; mas, pelo contrário, foi preciso decorrer uma boa quinzena de anos para que a opinião pública e as gentes da finança reconhecessem a formidável revolução económica causada pelo caminho de ferro.

E o novo instrumento de transporte teve, nessa hora de desforra e de triunfo, o auspicioso início do seu reinado...

Pessoal

Acto digno de louvor

O suplementar de Régua, Snr. Francisco Cardoso encontrou naquela estação uma importância em dinheiro que imediatamente entregou ao seu chefe. E' digno de registo êste acto de honestidade.

Agradecimento

Pedem-nos a publicação do seguinte agradecimento:

«Não posso, por forma alguma, deixar de tornar público, ainda que isto ofenda a sua modéstia, a forma gentil, proficiente e ainda os generosos cuidados com que fui tratado durante a minha doença pelo distíntissimo médico da minha zona, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Craveiro Lopes. Igualmente envolvo nesta simples manifestação o enfermeiro Snr. João Martins». — *Manuel Benjamim dos Santos*, revisor de 2.^a classe.

Nomeações

EXPLORAÇÃO

Mês de Novembro

Empregadas de 3.^a classe: Maria Luísa Pires Correia e Maria Antonieta de Moraes.

MATERIAL E TRACÇÃO

Empregado de 3.^a classe: Jaime Rafael Pires.

Reformas

EXPLORAÇÃO

Mês de Outubro

José de Albuquerque, Carregador de Alpedrinha.

Mês de Novembro

Júlio do Rio Sancho, Sub-chefe de Repartição dos Serviços Técnicos.

Júlio Lopes Pedreira, Chefe de 1.^a classe de Elvas.

AGENTES QUE COMPLETAM 40 ANOS DE QUADRO



João Luís Nieto Fernandes

Empregado de 1.^a classe
Admitido como amanuense auxiliar
em 18 de Janeiro de 1897



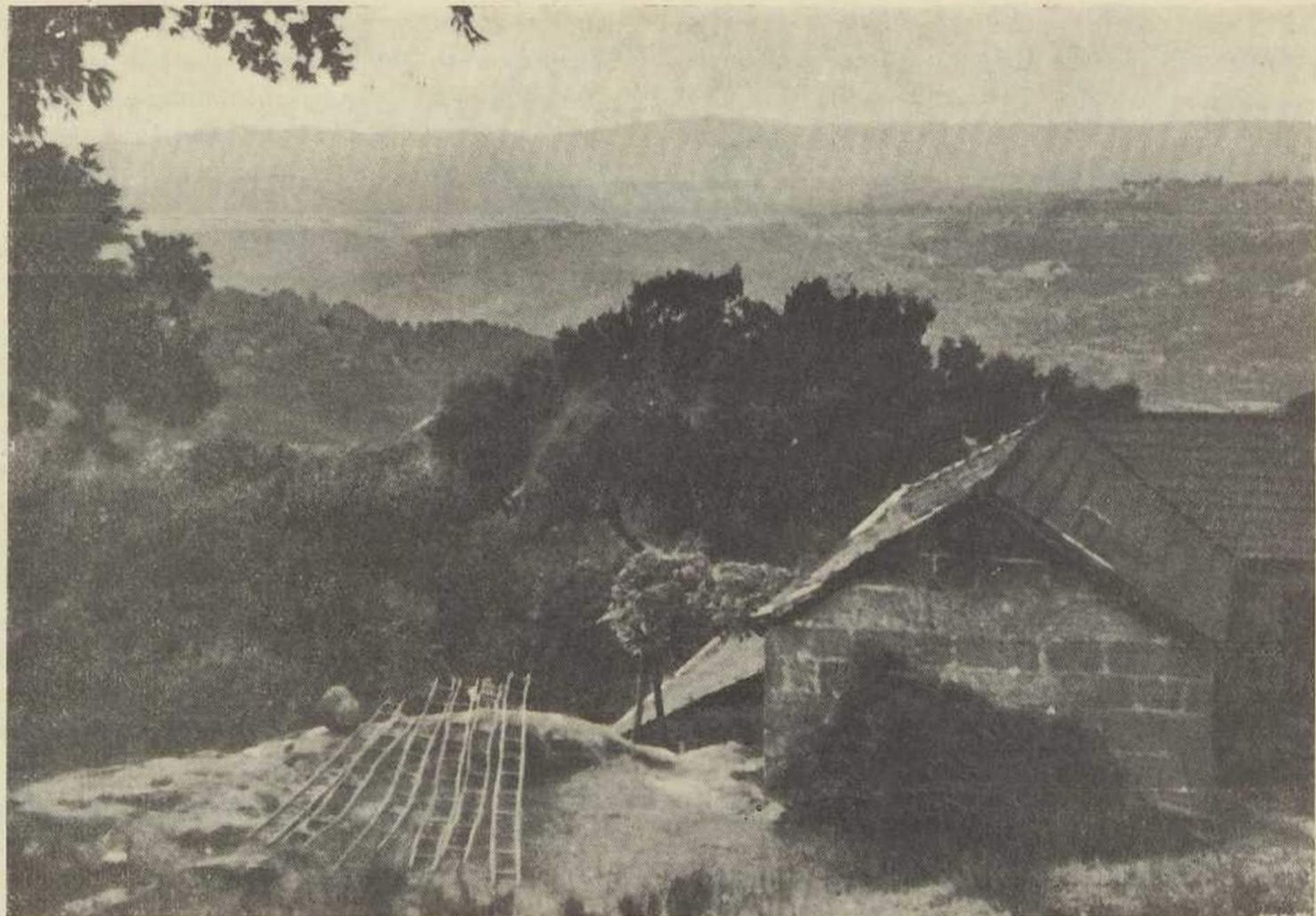
Manuel António Mendes

Fiel de 1.^a classe
Nomeado carregador
em 5 de Janeiro de 1897



Albano Rodrigues Serrano

Capataz de limpadores
Admitido como limpador suplem.
em 28 de Janeiro de 1897



Nas faldas do Marão — Vila Chã — Amarante

Fotog. do Eng.º Sebastião Horta e Costa

Francisco Nunes Carrão Júnior, Chefe de 3.^a cl.
de Barquinha.

José Joaquim Carito, Guarda-freio de 1.^a cl.
de Faro.

José Fernandes Ferreira, Revisor de 1.^a classe
de Gaia.

Joaquim Duarte, Agulheiro de 3.^a classe de
Obidos.

João Ferreira, Agulheiro de 3.^a classe de
Fratel.

José Abrantes, Guarda de estação de Lisboa R.
Maria Rodrigues, Guarda de P. N. de Alber-
garia.

VIA E OBRAS

Mês de Novembro

Manuel Carvalheiro, Chefe do distrito 108.
Dionísio da Silva, Chefe do distrito 89.

Joaquim Pedro Rabaça, Sub-chefe do dis-
trito 36.

Manuel Augusto da Silva, Assentador do dis-
trito 78.

José Pires, Assentador do distrito 79.

António Garção, Assentador do distrito 21.

Joaquina da Conceição, Guarda do distrito 50.

MATERIAL E TRACÇÃO

Mês de Novembro

Abílio Teixeira de Freitas, Sub-chefe de
Depósito.

Luis Urbano Tarouca, Contramestre de 2.^a cl.

João Joaquim Sapo, Fogueiro de 2.^a classe.

José António Pires, Fogueiro de locomóvel.

Falecimentos

Mês de Novembro

EXPLORAÇÃO

† *Raúl Ramos de Carvalho*, Arquivista de
3.^a classe do Serviço de Tráfego.

Nomeado Carregador em 21 de Fevereiro de
1913, passou a Ajudante de arquivista em 1
de Fevereiro de 1926 e foi promovido a Arqui-
vista de 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1935.

[†] *António dos Reis Correia Lemos Junior*, Telegrafista principal em Santarém.

Admitido como Praticante de factor em 1 de Agosto de 1902, foi nomeado Telegrafista de 3.^a classe em 28 de Novembro de 1903 e promovido a Telegrafista principal em 1 de Janeiro de 1932.

[†] *José da Fonseca*, Guarda-freio de 2.^a classe em Campanhã.

Admitido como Carregador eventual em 4 de Dezembro de 1916, foi nomeado Carregador efectivo em 16 de Abril de 1919, Guarda-freio de 3.^a classe em 1 de Abril de 1928 e promovido a Guarda-freio de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1931.

[†] *Artur Nogueira de Sousa*, Revisor principal em Campanhã.

Nomeado Revisor de 2.^a classe em 9 de Outubro de 1913, promovido a Revisor de 1.^a classe em 12 de Junho de 1919 e Revisor principal em 1 de Janeiro de 1932.

[†] *António Pinto*, Revisor de 1.^a classe em Campanhã.

Nomeado Aspirante a revisor em 26 de Julho de 1924, promovido a Revisor de 2.^a classe em 13 de Fevereiro de 1925 e Revisor de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1932.

[†] *António Pereira Marinho*, Guarda de estação em Gaia.

Nomeado Guarda de estação em 21 de Junho de 1922.

[†] *Manuel Fritas*, Carregador em Lisboa P. Nomeado Carregador em 21 de Jan.^o de 1923.



Barra de Aveiro, vista do Farol

VIA E OBRAS

† *Teodoro dos Santos Gonçalves*, Empregado principal da 3.^a Secção.

Admitido como Escriturário auxiliar em 1 de Fevereiro de 1919, foi promovido a Empregado de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1926 e a Empregado principal em 1 de Janeiro de 1930.

† *António Ribeiro Freitas*, Assentador do distrito 270.

Admitido como Assentador em 21 de Janeiro de 1925.

† *Joaquim Ventura*, Assentador do distrito 66.

Admitido como Assentador em 21 de Março de 1928.

† *José Nunes Domingos*, Guarda do distrito 84.

Admitido como Guarda em 21 de Fevereiro de 1908.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Vicente Nunes*, Maquinista de 2.^a classe do Depósito de Lisboa P.

Admitido em 22 de Julho de 1906, como Limpador auxiliar, nomeado Fogueiro de 2.^a cl. em 1 de Janeiro de 1912 e promovido a Maquinista de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1929.

† *Eduardo Eugenio da Gama*, Maquinista de 2.^a classe do Depósito de Entroncamento.

Admitido em 24 de Agosto de 1898, como Limpador suplementar, nomeado Fogueiro de

2.^a classe em 26 de Janeiro de 1900 e promovido a Maquinista de 2.^a classe em 1 de Agosto de 1923.

† *Júlio Teixeira de Magalhães*, Fogueiro de 1.^a classe do Depósito de Campanhã.

Admitido em 24 de Setembro de 1920, como Limpador provisório, nomeado Fogueiro de 2.^a classe em 10 de Abril de 1925 e promovido a Fogueiro de 1.^a classe em 1 de Outubro de 1927.

† *Abílio Augusto da Costa*, Fogueiro de locomóvel em Penafiel.

Admitido em 25 de Abril de 1904, como Limpador suplementar, nomeado Limpador do quadro em 25 de Abril de 1905 e promovido a Fogueiro de locomóvel em 24 de Março de 1907.

† *Avelino Tomás Pereira*, Contramestre principal do Depósito de Campanhã.

Admitido em 13 de Janeiro de 1898, como Aprendiz, nomeado Serralheiro em 25 de Dezembro de 1904 e promovido a Contramestre principal em 1 de Janeiro de 1932.

† *Francisco Pinto dos Reis*, Visitador de 3.^a cl. do Depósito de Gaia.

Admitido em 13 de Abril de 1914, como Montador auxiliar, nomeado Visitador em 26 de Fevereiro de 1921 e promovido a Visitador de 3.^a classe em 1 de Março de 1933.



† Vicente Nunes
Maquinista de 2.^a classe



† Júlio T. de Magalhães
Fogueiro de 1.^a classe



† Raul R. de Carvalho
Arquivista de 3.^a classe



† António R. C. Lemos J.º
Telegrafista principal

+ ter — Estar oculto
+ nia — Verme cistoide
+ bião — Peixe
— Flagelo —

Roldão

Duplas

12 — Nos *bens* materiais não procures a *riqueza* do teu lar — 3.

Roldão

13 — Vês? Esta «mulher» usa bem o *machado de guerra* — 3.

Theseu

14 — A *estupidez* provém da *ignorância crassa* — 4.

Preste João

15 — O *superintendente das mesquitas entre os orientais*, respondeu no *Tribunal Supremo na Pérsia* — 2.

Manelik

16 — Uma linda jóia é um *adôrno* excelente — 3.

Diabo Vermelho

17 — A *parte carnuda do peito da ave* é, em gastronomia, uma *coisa preciosa* — 3.

D. Quixote

18 — Sinto bastante *comoção* quando o meu amor parte — 3.

Roldão

19 — Uma cantora *distinta*, cantou com sentimento divino — 2.

Marquês de Carinhos

20 — Bendito Deus que te creou *feliz* — 5

Roldão

Sincopadas

21 — 3-Já dei o ponto ao senhor — 2.

Roldão

22 — 3-As «*bolsinhas com relíquias*» eram distribuídas no «*sétimo dia, no calendário dos Romanos, em os meses de Março, Maio, Julho e Outubro, e nos outros, quintos*» — 2.

Labina

23 — 3-A *quinta para cultura agrícola, em Angola*, é dirigida por um *pedagogo* — 2.

Sancho Pança

24 — 3-A-pesar-de rico, é tão *mesquinho* que até dorme numa *esteira de tabua* — 2.

Fan-Fan

25 — 3-Enquanto uns faziam grande *barulho* os outros preparavam uma *espécie de pastelão* — 2.

Cruz Kanhoto

26 — 3-O *riegas calou-se logo, apenas viu o dinheiro* — 2.

Veste-se

Tabela de preços dos Armazéns de Víveres, durante o mês de Janeiro de 1937

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional.. kg. 2\$60 e	2\$70	Far.º de milho branco .. kg.	1\$15	Queijo flamengo	kg. 22\$50
» Valenciano..... kg.	2\$90	» » » amarelo .. »	1\$25	Sabão amêndoа	» 1\$00
Açúcar de 1.ª Hornung »	4\$35	» » trigo	2\$15	» Offenbach	» 2\$30
» 1.ª manual .. »	4\$15	Farinheiras	7\$50	Sal	lit. \$18
» 2.ª Hornung »	4\$15	Feijão amarelo .. lit.	1\$60	Sêmea	kg. \$75
» 2.ª manual .. »	3\$90	» branco .. 1\$60 e	1\$70	Toucinho	» 6\$50
» pilé	4\$25	» frade	1\$20 e	Vinagre	lit. 1\$15
Azeite de 1.ª .. lit.	8\$50	» manteiga	1\$80	Vinho branco-Em Campanhã .. lit.	1\$80
» 2.ª .. »	8\$20	Lenha	\$20	» » -Rest. Armazens .. »	1\$65
Bacalhau inglês kg. 4\$10, 5\$15 e	5\$70	Manteiga	18\$50	» tinto-Em Gaia	» 1\$80
» sueco 4\$10, 4\$30 e	4\$50	Massas	3\$40	» » -Em Campanhã ..	» 1\$80
» Islândia..... kg.	4\$20	Milho	\$90	» » -Restant. Armazens .. »	1\$65
Banha	6\$50	Ovos	duz. variável		
Batatas	» variável	Presunto	kg. 11\$00		
Carvão sôbro kg. \$50, \$55 e	\$60	Petróleo-Em Lisboa .. lit.	1\$30		
Cebolas..... kg. variável		» -rest. Armazens .. »	1\$35		
Chouriço de carne .. »	14\$00	Queijo da Serra	kg. 12\$50		

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazém do Barreiro são acrescidos do impôsto camarário.

Além dos géneros acima citados, os Armazéns de Víveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atoalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmalorado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O Boletim da C. P. tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números dêste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um Fundo destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (Boletim da C. P.).

VIA E OBRAS

† *Teodoro dos Santos Gonçalves*, Empregado principal da 3.^a Secção.

Admitido como Escriturário auxiliar em 1 de Fevereiro de 1919, foi promovido a Empregado de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1926 e a Empregado principal em 1 de Janeiro de 1930.

† *António Ribeiro Freitas*, Assentador do distrito 270.

Admitido como Assentador em 21 de Janeiro de 1925.

† *Joaquim Ventura*, Assentador do distrito 66.

Admitido como Assentador em 21 de Março de 1928.

† *José Nunes Domingos*, Guarda do distrito 84.

Admitido como Guarda em 21 de Fevereiro de 1908.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Vicente Nunes*, Maquinista de 2.^a classe do Depósito de Lisboa P.

Admitido em 22 de Julho de 1906, como Limpador auxiliar, nomeado Fogueiro de 2.^a cl. em 1 de Janeiro de 1912 e promovido a Maquinista de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1929.

† *Eduardo Eugenio da Gama*, Maquinista de 2.^a classe do Depósito de Entroncamento.

Admitido em 24 de Agosto de 1898, como Limpador suplementar, nomeado Fogueiro de

2.^a classe em 26 de Janeiro de 1900 e promovido a Maquinista de 2.^a classe em 1 de Agosto de 1923.

† *Júlio Teixeira de Magalhães*, Fogueiro de 1.^a classe do Depósito de Campanhã.

Admitido em 24 de Setembro de 1920, como Limpador provisório, nomeado Fogueiro de 2.^a classe em 10 de Abril de 1925 e promovido a Fogueiro de 1.^a classe em 1 de Outubro de 1927.

† *Abilio Augusto da Costa*, Fogueiro de locomóvel em Penafiel.

Admitido em 25 de Abril de 1904, como Limpador suplementar, nomeado Limpador de quadro em 25 de Abril de 1905 e promovido Fogueiro de locomóvel em 24 de Março de 1907.

† *Avelino Tomás Pereira*, Contramestre principal do Depósito de Campanhã.

Admitido em 13 de Janeiro de 1898, como Aprendiz, nomeado Serralheiro em 25 de Dezembro de 1904 e promovido a Contramestre principal em 1 de Janeiro de 1932.

† *Francisco Pinto dos Reis*, Visitador de 3.^a classe do Depósito de Gaia.

Admitido em 13 de Abril de 1914, como Montador auxiliar, nomeado Visitador em 2 de Fevereiro de 1921 e promovido a Visitador de 3.^a classe em 1 de Março de 1933.



† Vicente Nunes
Maquinista de 2.^a classe



† Júlio T. de Magalhães
Fogueiro de 1.^a classe



† Raul R. de Carvalho
Arquivista de 3.^a classe



† António R. C. Lemos J.ºr.
Telegrafista principal

+ ter — Estar oculto
+ nia — Verme cistoide
+ bião — Peixe
— Flagelo —

Roldão

Duplas

12 — Nos *bens* materiais não procures a *riqueza* do teu lar — 3.

Roldão

13 — Vês? Esta «mulher» usa bem o *machado de guerra* — 3.

Theseu

14 — A *estupidez* provém da *ignorância crassa* — 4.

Preste João

15 — O *superintendente das mesquitas entre os orientais*, respondeu no *Tribunal Supremo na Pérsia* — 2.

Manelik

16 — Uma linda jóia é um *adôrno* excelente — 3.

Diabo Vermelho

17 — A *parte carnuda do peito da ave* é, em gastronomia, uma *coisa preciosa* — 3.

D. Quixote

18 — Sinto bastante *comoção* quando o meu amor parte — 3.

Roldão

19 — Uma *cantora distinta*, cantou com sentimento divino — 2.

Marquês de Carinhos

20 — Bendito Deus que te creou feliz — 5

Roldão

Sincopadas

21 — 3-Já dei o ponto ao senhor — 2.

Roldão

22 — 3-As «*bolsinhas com relíquias*» eram distribuídas no «*sétimo dia, no calendário dos Romanos, em os meses de Março, Maio, Julho e Outubro, e nos outros, quintos*» — 2.

Labina

23 — 3-A *quinta para cultura agrícola*, em *Angola*, é dirigida por um *pedagogo* — 2.

Sancho Pança

24 — 3-A-pesar-de rico, é tão *mesquinho* que até dorme numa *esteira de tabua* — 2.

Fan-Fan

25 — 3-Enquanto uns faziam grande *barulho* os outros preparavam uma *espécie de pastelão* — 2.

Cruz Kanhoto

26 — 3-O *piegas* calou-se logo, apenas viu o *dinheiro* — 2.

Veste-se

Tabela de preços dos Armazéns de Víveres, durante o mês de Janeiro de 1937

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional.. kg. 2\$60 e	2\$70	Far.º de milho branco .. kg.	1\$15	Queijo flamengo	kg. 22\$50
» Valenciano..... kg.	2\$90	» » » amarelo .. »	1\$25	Sabão amêndoа	» 1\$00
Açúcar de 1.ª Hornung »	4\$35	» » trigo	2\$15	» Offenbach	» 2\$30
» 1.ª manual .. »	4\$15	Farinheiras	7\$50	Sal	lit. \$18
» 2.ª Hornung »	4\$15	Feijão amarelo	1\$60	Sêmea	kg. \$75
» 2.ª manual .. »	3\$90	» branco	1\$60 e	Toucinho	» 6\$50
» pilé	4\$25	» frade	1\$20 e	Vinagre	lit. 1\$15
Azeite de 1.ª	8\$50	» manteiga	1\$80	Vinho branco-Em Campanhã .. lit.	1\$80
» 2.ª	8\$20	Lenha	\$20	» » -Rest. Armazens .. »	1\$65
Bacalhau inglês kg. 4\$10, 5\$15 e	5\$70	Manteiga	18\$50	» tinto-Em Gaia	» 1\$80
» sueco 4\$10, 4\$30 e	4\$50	Massas	3\$40	» » -Em Campanhã ..	» 1\$80
» Islândia..... kg.	4\$20	Milho	6\$90	» » -Restant. Armazens .. »	1\$65
Banha	6\$50	Ovos	duz. variável		
Batatas	variável	Presunto	kg. 11\$00		
Carvão sôbro kg. \$50, \$55 e	\$60	Petróleo-Em Lisboa ..	lit. 1\$30		
Cebolas..... kg. variável		» -rest. Armazens ..	1\$35		
Chouriço de carne	14\$00	Queijo da Serra	kg. 12\$50		

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazém do Barreiro são acrescidos do impôsto camarário.

Além dos géneros acima citados, os Armazéns de Víveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atoalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmalorado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O Boletim da C. P. tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números dêste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um **Fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (Boletim da C. P.).